

CARTA PASTORAL
DE SAUDAÇÃO

P
260
6672c

Dom CARLOS COELHO
BISPO DE NAZARÉ

MANDAMENTO

Invocando o nome do Senhor, determinamos que a presente Carta Pastoral de Saudação seja lida e explicada aos fiéis por ocasião da Missa dominical.

Carlos, Bispo de Nazaré

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
649	4-9-67



In cruce Christi



BRASAO DE ARMAS
DE
DOM CARLOS COELHO, BISPO DE NAZARÉ

Escudos: De prata com uma cruz monogramática de preto e do vertice dos ângulos da cruz nascem quatro chamas de vermelho em forma de aspa.

Insígnias: Episcopais.

Lema: "In caritate Christi".

Comentário: Cristo veio sobre a terra trazer o Fogo divino, Ele mesmo é a manifestação do Amor de Deus. Amou os homens até a morte. O Bispo, pontifice entre Deus e os homens, de um lado continua a manifestação do Amor divino aos homens, amando-os; do outro lado, em nome do mesmo Cristo ensina os homens a amarem a Deus.

Diante de vós — caros sacerdotes e fiéis da Diocese de Nazaré — nós nos apresentamos com as insignias do Pontífice e as solitudes do Pastor. Associado pelo Espírito Santo à missão dos Doze, ei-nos à vossa frente para o serviço do *ensino*, da *santificação* e do *governo*, dentro da vossa comunidade espiritual.

As deficiências pessoais e a mediocridade de uma vida, se criam problemas de consciência, enchendo de espanto uma pobre alma de padre em face da sua própria insignificância, abrem, por outro lado, créditos de confiança à generosidade de Deus, na certeza de que, quando Ele chama, dá a graça, infunde ânimo e não admite vacilações.

Participando, agora, das imensas riquezas da plenitude sacerdotal, somos, então, o vosso Bispo — o vigilante; o vosso Pastor — o *vicarius amoris Christi*, na expressiva palavra de Santo Ambrósio; o vosso Pontífice — a ponte que vos liga a Deus.

Por todos êstes títulos, nesta tarde de Pentecostes de 1948, chegaremos a vós para assumir o sôlio de vossa Catedral com a nossa

primeira palavra de saudação, sob o influxo do Espírito que desejamos presente na seqüência dos dias que hão de vir.

Este encontro inicial de Pastor com as suas ovelhas, de Pai com os seus filhos, se vale pelo extravasamento sentimental de que êle possa estar enriquecido, deve valer ainda mais pelo seu conteúdo de construção espiritual.

Aproveitemos esta hora, tôda ela cheia de especção, quando ainda o homem que é o vosso Bispo não se revelou com as suas naturais deficiências nem vós com as vossas explicáveis carências, meus caros padres e fiéis da Diocese de Nazaré, aproveitemos êste encontro inicial para mutuamente traçarmos o nosso itinerário.

Não conhecemos os problemas de vossa comunidade, e esta nossa primeira palavra de saudação não pode ser a abordagem de temas específicos, deve ficar na linha meio elástica dos assuntos gerais, dos votos reciprocos de ajuda mútua nas tarefas que o Reino de Deus está a exigir de cada um de nós.

— O que tendes direito de esperar do vosso Bispo?

— O que o vosso Bispo tem direito de esperar de vós?

São duas interrogações que nos parecem oportunas para o primeiro encontro. Lealmente, havemos de examinar convosco, rapidamente embora, o que, com justiça, esperais o que seja

o vosso Bispo; e, honestamente, o que o vosso Bispo espera que sejais dentro da Igreja. Nada mais razoável do que esta investigação preliminar para estabelecermos os contatos futuros, as ações conjuntas da pequenina cristandade que formamos dentro da grande família cristã, da minúscula célula dentro do imenso Corpo Místico de Jesus Cristo.

I — DE UMA ESPIRITUALIDADE DO EPISCOPADO

A célula é o corpo em miniatura. A Diocese é a Igreja em miniatura. Aos olhos da fé, o Papa está na Igreja no lugar de Cristo. Na cristandade diocesana, o lugar de Cristo é ocupado pelo Bispo. (1).

Este pensamento meditado e vivido gera a coesão e o espírito de família que devem caracterizar as comunidades autenticamente cristãs. Arrasta também a um estilo de vida donde os cristãos poderão arrancar os mais abundantes frutos de santificação pessoal e zelo apostólico. Fundamenta uma espiritualidade de profundas raízes evangélicas.

O Bispo, aos olhos do povo cristão, longe de aparecer como um simples prefeito eclesiástico, um mero administrador de coisas religiosas, se projetará então como o *enviado* de Jesus Cristo para *ensinar*, revelando a mensagem evangélica; para *santificar*, distribuindo a vida de Deus; para *governar*, mostrando os caminhos do Espírito.

a) O Bispo a serviço do apostolado

A Igreja é sempre um mistério de comunicação, de comunicação da vida divina, dos bens patrimoniais do próprio Deus, para o homem. Jesus Cristo é na Nova Aliança o portador desta dádiva. É o *Apóstolo* do Pai. Apóstolo significa enviado e todo apostolado é antes de tudo uma *missão*. Jesus Cristo é o enviado do Pai, o Evangelho não-lo repete sem cessar (2).

Históricamente, Cristo confiou a doze a missão que recebera do Pai, de levar a todos os homens a partilha da vida divina. «Como meu Pai me enviou, eu também vos envio»; (3); «Como tú me enviaste, no mundo, Pai, eu também os envio no mundo (4)»; aqueles que os receberam, receberam a Cristo e também ao Pai (5). Houve, pois, para os apóstolos um mandato oficial, solene, que os credenciava diante dos homens, que lhes dava a mesma autoridade de Cristo porque eles tinham a mesma que Ele.

E, no tempo e no espaço, aqueles doze se multiplicaram nos quase três mil e quinhentos bispos que, hoje, constituem a linha da hierarquia católica. A sua missão é a mesma. Cada bispo é essencialmente um *missionário*, encarregado de estender o reino de Deus. De dar testemunho de Jesus Cristo. As suas vidas devem ser uma apologética viva, autênticos mo-

tivos de credibilidade. Devem fazer conhecer o Pai e Àquele que Êle enviou, Jesus Cristo.

Desde os tempo das origens cristãs, os bispos sempre apareceram como pioneiros, vencendo progressivamente o paganismo: êles plantavam a Igreja, mesmo com o seu sangue: *plantaverunt ecclesiam sanguine suo*. Enquanto restasse uma alma a converter, não descansavam nem se calavam. São Gregório, o Taumaturgo — o primeiro bispo não-mártir a quem a Igreja conferiu as honras do culto público — no dizer do seu biógrafo, fêz-se cercar no momento de sua morte, dos infieis que êle deixava na cidade de Neocesaréa, agradecendo a Deus não serem mais do que dezessete, justamente o número de cristãos que encontrou quando recebeu o encargo episcopal. É esta a consolação de um bispo prestes a comparecer ao julgamento de Deus — a sua glória e a sua coroa são os filhos que êle produziu na fé.

É do bispo que històricamente parte todo o dinamismo sobrenatural da Igreja. O apostolado dos padres e o apostolado dos leigos encontram o seu ponto de inserção no apostolado do bispo que reproduz o dos doze cuja raiz mergulha na própria escolha de Cristo que foi o enviado do Pai. Eis a árvore genealógica do apostolado cristão. E cada um dêles reflete, analògicamente, a *missão* do Grande Enviado — Jesus Cristo.

Em seu apostolado, o bispo é auxiliado pelos seus padres e pelos seus fiéis. Pelos padres primeiramente, que participam com êle do officio da pregação, da administração dos sacramentos e do encargo das almas.

A noção mesma do presbiterato e sua espiritualidade são condicionadas pela teologia do episcopado. Aos olhos do padre, o bispo não pode ser apenas um superior que impõe prescrições. Foi do bispo que êle recebeu o sacerdotício: há pois uma verdadeira paternidade em Cristo que gera uma mútua afeição. *Cooperatores ordinis nostri*, tal é a definição mesma do presbiterato que a liturgia romana põe sob os lábios do Pontífice no decorrer das cerimônias da ordenação sacerdotal.

E não se pense que é diminuir a grandeza do padre lembrar a sua dependência fundamental em face do bispo; é, ao contrário, realçar a sua dignidade, recordar-lhe o seu enraizamento na tradição apostólica, a sua pertença à Católica, a Igreja do Oriente e do Ocidente.

O bispo no desenvolvimento de seu apostolado é auxiliado também pelos seus fiéis. Todo o cristão que vive plenamente o seu batismo, sente-se na obrigação de se dar às tarefas apostólicas, individual ou coletivamente, sob a responsabilidade de seu nome ou apoiado nas teciduras das associações religiosas. Há porém dentre os batisados, os escolhidos pelo

bispo a quem êle confia um *mandato* para, sob a sua orientação, exercer o apostolado oficial. São os membros da Ação Católica.

No pensamento de Pio XI a «Ação Católica não é outra coisa senão o apostolado dos fiéis que, sob orientação dos bispos se põem ao serviço da Igreja e a auxilia a desempenhar integralmente o seu mandato (6).

Em tôrno dos sólios episcopais, reúnem-se, então, para as tarefas apostólicas, padres e leigos, representações visíveis da Igreja total, cada qual dentro das funções específicas que a família cristã comporta para a objetivação da prece de Nosso Senhor Jesus Cristo, na tarde da Ceia, dirigida ao Pai: «Que êles sejam um a fim de que o mundo creia que foste Tú quem me enviou (7)».

O trabalho apostólico quer se trate do dos padres, quer se trate do dos leigos, é de uma dependência viceral do do bispo. Não é esta uma simples medida disciplinar. É dependência essencial porque não se trata de uma obra humana, mas de um serviço da Igreja que deve prolongar a mesma obra de Cristo e produzir efeitos sobrenaturais.

Só a Igreja recebeu a promessa de que a sua ação seria eficaz. Ora, tudo repousa na Igreja, sôbre os apóstolos na dependência de Pedro, e sôbre os bispos que são os seus sucessores, na dependência do Papa.

A garantia da eficácia sobrenatural da ação apostólica reside, pois, na união que se possa ter com o bispo.

b) O Bispo ao serviço da santidade

Quem, pela primeira vez, se puzesse em contato com uma assembléia litúrgica, se admiraria de certo, e com razão, da maneira como o bispo é tratado nas cerimônias eclesíásticas. A começar pela riqueza da indumentária pontifical até os menores detalhes rituais, tudo fala de ambiente de desusado respeito — ósculos, genuflexões, venias etc.

Como se justificaria então que um homem fôsse objeto de tais sinais de veneração?

É que na Igreja tudo se movimenta, em função da fé. Pouco importa o homem que está sentado no sólio pontifical, isto é problema de consciência individual, dêle para com Deus. O que conta para a assembléia dos cristãos é a *missão* de que êste homem está revestido.

No plano interior, o cristão vale o que é, no plano exterior e social o cristão vale o que representa. Num, importa o «sentido»; noutro, importa a «missão».

A voz da tradição cristã consagrou a figura do bispo como a «*imago Patris*» na expressão de Santo Inácio de Antioquia (8) ou

«effigies Christi» como conceituou Santo Tomaz de Aquino (9).

A marca de Jesus Cristo deve ter tomado conta de tôda uma alma episcopal. Tôdas as destinações interiores de uma vida, assinalada pelo *chamado*, e sacralisada pela *unção*, se voltam para Jesus Cristo de quem o bispo é representação mística. Está êle ligado ao serviço das almas de uma maneira solene e irrevogável.

Pela voz de Pedro todos os bispos do mundo — de todos os tempos e de todos os lugares — estabeleceram um nexo lógico entre o amor e o encargo do rebanho. Santo Tomaz é quem nô-lo ensina: «Isto de os bispos se aplicarem aos encargos de assegurar a salvação do próximo, provêm da abundância do seu amor a Deus. Daí o Senhor primeiramente ter perguntado a Pedro se o amava e em seguida ter-lhe confiado o cuidado do rebanho (10).»

E este amor três vêzes proclamado por Pedro e com Pedro por todos os bispos não vem da carne nem do sangue, mas do Espírito que sustentou a Pedro e hoje sustenta os bispos.

É verdade que o Espírito Santo é dado a todo cristão. Êle é o *primus donus*. Comunicado a uns e a outros, produz efeitos diversos.

No ato da iniciação cristã, o Espírito Santo é comunicado ao fiel: é a graça santificante, fecundando as águas do batismo, fazendo nascer

o filho de Deus. Não é um episódio. É uma morada. Quando a alma é verdadeiramente dócil, a ação do Espírito Santo opera as maravilhas que as vidas dos santos nos acostumaram a admirar. Desde os milagres da iluminação revelando aos simples o que os doutos ignoravam, até os milagres de força levando a Cristo o testemunho inédito de uma vida ou de uma morte.

Mas, essa graça do Espírito Santo como tôdas as outras que os demais sacramentos lhe conferem, o fiel a recebe da hierarquia ou mais precisamente do bispo, pois, sem êle não há nem iniciação nem perseverança cristãs.

Ministro dos sacramentos redentores é pela virtude do Espírito Santo, o autor de tôda a vida espiritual que pode rastejar como a semente comprimida pelo pedregulho, mas que pode também se altear como a semente fecundada em árvores gigantes, em cumes de santidade.

II — DO CONCEITO FUNDAMENTAL DA VIDA CRISTÃ

Se quiséssemos buscar nos livros do Novo Testamento, o trecho evangélico que traduz todo sentido da mensagem cristã, aquele que condensa, numa síntese, o que a vida cristã possui de mais específico, que reflete a originalidade mesma do Cristianismo, encontraríamos aquele capítulo XV do Evangelho de São João, onde Cristo declara aos seus apóstolos: «Eu não mais vos chamarei *servos* porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Mas, chamei-vos *amigos* porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu Pai».

A idéia de uma sociedade com Deus cujo fundamento se alicerça na amizade e cujo alimento é uma gratuita comunicação dos segredos da vida divina, eis a idéia nova que traz a revelação cristã.

Evidentemente que isso supera a tudo quanto os homens pudessem esperar de Deus. Trata-se de uma iniciativa gratuita da Bondade Soberana. Mas, foi o que Deus, sábio e todo poderoso, resolveu fazer da vida de suas cria-

turas. Transformou o *servo interessado* em *amigo fraternal*. O homem entrou então para a vida da família divina.

É verdade que há outros conceitos de vida cristã, mas são conceitos que, apesar de verdadeiros, são incompletos. Não traduzem a plenitude do cristianismo. Revelam apenas aspectos parciais da verdade cristã.

Há uma frase popular que exprime um desses aspectos do cristianismo, talvez o mais vulgarizado entre nós — *sou católico para ganhar o céu*. Isto não é falso. A idéia de recompensa é sempre uma idéia evangélica. A ela Nosso Senhor faz constantes apelos como se pode ver na parábola dos talentos (11) e a Igreja em muitas de suas decisões a defendeu contra certos inovadores (12).

Mas não se pode dizer que o *conceito da recompensa* seja o *conceito central* do cristianismo. Nem a espiritualidade que dêle dimana, seja a de mais profundos resultados. E nada mais perigoso para certas almas: porque engendram uma religião interesseira, uma espécie de apólice de seguro para a vida eterna. Sofre-se na terra para depois se gozar no céu; despresam-se os prazeres da terra porque os do céu são maiores. Aplicação mercantilista no campo religioso. Como isso está longe das

vistas desinteressadas da caridade, em que o prêmio do amor, é o próprio Amor.

A vida cristã não pode ser reduzida a um serviço, ela nasce de uma união profunda de vistas, de desejos, de vontades cimentadas na alma pela amizade com Deus e se extravasa numa sorte de *colaboração* da criatura com a vontade de seu criador. Em uma tal vida, o amor não se capitula entre os deveres de um bom servo: êle é a raiz profunda e desinteressada de todos os atos da vida. Em uma tal vida *servir a Deus* não é uma imposição que vem de fora: é uma espontaneidade que o amor dinamiza.

Que é, pois a vida cristã?

— É a vida divina — comunicada ao homem adaptada a suas faculdades, vivida enfim vitalmente por êle como tal, isto é, como vida divina (13).

A vida íntima da Trindade é a contemplação da sua Verdade e a fruição de seu Amor. Trazer o homem para realizar êste estilo de vida, dentro da sua humanidade, não por processos mecânicos de juxta-posição, mas por um processo vital de crescimento orgânico, eis a que o batismo nos destina. É verdade que só chegaremos a realizar plenamente esta vida, *in specie aeternitatis*.

— Mas, é também verdade que esta vida começa aqui na terra. A vida de Deus, vivida

por um cristão na terra, e vivida por um bema-venturado no céu é essencialmente a mesma. O que varia é o modo. *Facie ad faciem* (14), face a face, o cristão no céu. *Aspicientes a longe*, olhando de longe, o cristão na terra. A graça é a semente da glória, nos ensina Santo Tomaz.

O que não se compreende para um cristão é dividir a vida em duas metades, separadas por um abismo intransponível que seria a morte. A vida terrena desgraçadamente para muitos cristãos é a vida que conta, vida *prática*, tangível, real, que é preciso vivê-la; a outra... é alguma coisa de longínquo, que ninguém sabe bem como é, nela deixa-se para se pensar... depois.

Tal separação provoca negligência, mediocridade, e é responsável pelos descorajamentos e pela incredulidade prática de uma porção de cristãos.

A vida é uma só com duas faces, a do céu que é o prolongamento da da terra.

Cristão, sabe que a tua vida, esta que arrastas todos os dias através dos desconfortos e das misérias do cotidiano, é uma vida aparentada com a vida de Deus, que a tua vida atual é uma vida divina! *Carissimi, nunc, sumus filii Dei*, meus amigos agora somos os filhos de Deus (15).



Eis o planalto espiritual a que a gratuita caridade de Deus nos elevou! Destas alturas só o pecado nos afastará. Um cristão pecador, a luz desta doutrina, é mais do que um traidor, é, ao pé da letra, um *de-generado*, um sêr que corrompeu a natureza que Deus lhe havia comunicado, que perdeu o seu vigor divino e o seu valor de eternidade. Para êle chegue a advertência de São Leão Magno: *Agnosce, o christiane, dignitatem tuam et, divinae consors factus naturae, noli in veterem vilitatem degeneri conversatione redire.* Ó cristão, toma consciência da tua dignidade e aparentado que és da natureza divina, jamais consintas em voltar aos hábitos degenerados da tua antiga condição (16).

CONCLUSÕES

Uma Carta Pastoral de saudação quando não se pretendeu abordar um assunto determinado, é uma mensagem de esperança. De esperança recíproca. O que tendes direito de esperar de vosso bispo? E o que o vosso bispo tem direito de esperar de vós?

Eram investigações que no início desta nossa saudação ao clero e fiéis de Nazaré, prometeramos realizar na simplicidade de um primeiro encontro.

I O que tendes direito de esperar de vosso bispo

Em linhas gerais, expusemos o que é o bispo — o enviado para realizar o apostolado e para fecundar a santidade. Na sua missão do ensino, do ministério e do govêrno deve ser sempre a *Vicarius amoris Christi*, o representante do amor de Cristo.

Vós tendes direito à Verdade; tendes, na atual economia divina, direito à Graça; tendes direito à Lei.

O bispo, representação mística de Jesus Cristo repetirá a palavra salvífica — *Eu sou o caminho*: e vos dará as Táboas da Lei, o maravilhoso tecido das prescrições divino-canônicas da Igreja.

Eu sou a Verdade: e vos entregará o Depósito da Fé, vitalizado pela Bíblia Sagrada, pela Tradição Apostólica e pelo Magistério Eclesiástico.

Eu sou a Vida: E porá a vosso alcance os lábios e as mãos ungidadas para os mistérios redentores.

No plano do sobrenatural que é justamente onde tem sentido a missão episcopal, tendes direito de esperar de vosso bispo — se ele é aquilo para o qual o convocou o chamado divino — a dispensação de todos esses bens.

II O que o vosso bispo tem direito de esperar de vós

Apresentando-vos o conceito fundamental da vida cristã, queríamos dizer que esperamos que sejais cristãos. Sem adjetivos. Aquele que um dia soube que o cristão é o filho de Deus, sem alegoria nem metáfora, aquele que se compenetrrou e vive esta verdade, não pode ser medíocre. O seu clima é a vida heróica. É a loucura da Cruz.

Um bispo tem direito de esperar que a sua cristandade não se situe naquela região na qual

o Profeta encontrou a Igreja de Laodicéa: nem fria nem quente, morna.

Participando todos dos mesmos mistérios, do mesmo Pão e do mesmo Cálice, vivendo todos a mesma caridade que vem do Pai para o Filho e contagia todos os irmãos, os cristãos devem viver a mesma vida de Cristo, vida plena de amor.

*
* *
*

Todos nós, bispos, padres e fiéis, marcados pelo sinal de Cristo, vivemos a vida de Deus dentro do plano do temporal. Somos membros de duas comunidades que sendo distintas, para o cristão, não são separadas.

Levamos para o tempo as repercussões de nossa vida eterna. Todos os valores positivos de cultura, de temperamentos, de raça, de nação, de classe, tudo quanto representa valor humano, não pode ser estranho a um cristão. E temos de viver a vida de Deus dentro da nossa paisagem psicológica histórica e social.

E, quando os homens dessacralizaram a vida, perderam, como hoje, o sentido do sobrenatural, a presença do cristão no mundo, urge, mais do que nunca.

E a Igreja, especificamente destinada à salvação das almas, se abre então o vasto campo da ação social aonde ela deve chegar

com as repercussões da sua doutrina e as realizações de sua caridade.

Bispos, padres e fiéis, todos dentro do ambiente próprio de suas atividades, devemos trazer a colaboração sincera para a reconstrução do mundo. Mesmo num recanto qualquer da pátria.

No plano do temporal, somos também convocados a dar testemunho de Cristo. E o mundo tem direito de esperar êsse testemunho de nós.

*
* *
*

Sobre vós, padres e fiéis da Diocese de Nazaré, com a nossa afetuosa saudação, na caridade de Cristo, a nossa benção episcopal:

Et benedictio Dei omnipotentis, Patris et Filii et Spiritus Sancti descendat super vos et maneat semper.

*
* *
*

Dada a passada no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, aos 28 de março de 1948, Domingo de Páscoa.

+ Carlos, Bispo de Nazaré

SAUDAÇÕES

Ao Santo Padre Pio XII, o Pastor dos pastores de Cristo, o testemunho da nossa adesão à Cadeira de Pedro e do nosso amor à Igreja, confiado às mãos do Exmo. e Revmo. Sr. Nuncio Apostólico Dom Carlo Chiarlo por cujo intermédio recebemos o chamado para o episcopado. Homenagem e agradecimento.

*
* *

A tãda hierarquia católica que trabalha no Brasil — arcebispos e bispos, prelados e prefeitos apostólicos — representados nos seus dois Cardeais, o pedido de ajuda e a confissão de estima.

*
* *

A Dom Miguel de Lima Valverde — o metropolitano, as homenagens do sufragâneo; aos bispos que constituem a Província Eclesiástica de Olinda-Recife, fraternal abraço; a Dom Ri-

cardo Vilela, o primeiro bispo de Nazaré, e, hoje, resignatário, a expressão de estima e aprêço.

*
* *
*

Ao clero da Diocese de Nazaré, diocesano e regular, representado no Revdmo. Vigário Capitular, Monsenhor José Marques Fonseca, a largueza da nossa primeira bençam pastoral.

*
* *
*

Aos seminaristas da Diocese, as esperanças e amizade do seu bispo.

*
* *
*

As religiosas que na Diocese se entregam à educação; aos mestres dos vários estabelecimentos de ensino, na Diocese; às associações religiosas e demais centros de piedade e apostolado; às autoridades civis e militares de Pernambuco, especialmente, às de Nazaré, às famílias católicas de tôdas as classes sociais; aos indiferentes e inimigos da fé católica; a todos os que vivem e trabalham dentro das fronteiras da nossa Diocese, a certeza de que viemos para os servir a todos na caridade de Cristo.

AGRADECIMENTOS E DESPEDIDAS

No primeiro documento oficial do 2.º Bispo de Nazaré, fica consignada a sua profunda gratidão ao Exmo. e Revdo. Sr. Dom Moisés Coelho, arcebispo da Paraíba, a quem o ligam os laços de carinhosa estima pessoal do sobrinho sempre agradecido e do padre que sempre viu no seu arcebispo os exemplos do homem de Deus.

*
* *
*

A memória de Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, primeiro bispo e primeiro arcebispo da Paraíba, de cujas mãos recebemos tôdas as ordens, desde a iniciação clerical até o presbiterato; à memória de Monsenhor Sabino Coelho, tio e professor, a nossa comovida prece e gratidão.

*
* *
*

A Dom João da Mata Amaral, bispo de Manaus, o nosso consagrante; a Dom José

Delgado, bispo de Caicó, e a Dom Fernando Gomes, bispo de Penedo, amigos e companheiros dos bancos do Seminário na Paraíba, e, hoje, ligados pelas cerimônias da nossa consagração episcopal, a certeza de uma continuidade de amor fraterno.

*
* *

Aos sacerdotes, diocesanos e regulares, da Arquidiocese da Paraíba e da Diocese de Cajaseiras, meus amigos e companheiros, muitos deles antigos mestres e outros ex-alunos, todos, porém, unidos no laço da caridade fraterna, o nosso abraço e a nossa estima.

*
* *

Ao Seminário da Paraíba em cujas paredes recebemos toda a nossa formação clerical, o tributo do nosso reconhecimento.

*
* *

À Ação Católica, da Arquidiocese da Paraíba, em cujo seio como Assistente da Junta Arquidiocesana, recebemos exemplos de dedicação e apostolado; ao Núcleo Noelista de João Pessoa de cujos esforços e trabalhos anônimos

fomos, como *protetor*, testemunhas — as nossas despedidas e votos da mais rica floração espiritual.

*
* *

À *A Imprensa* — diário da Arquidiocese, a cujo serviço dedicamos dez anos do nosso sacerdócio em João Pessoa, apresentamos junto ao seu diretor, redatores, gerente e operários, todos antigos companheiros de lutas, as nossas despedidas e saudações.

*
* *

Às religiosas do Ginásio de N. S. de Lourdes, na pessoa da reverenda Madre Superiora, em cuja capelânia e magistério passamos oito anos, dos últimos da nossa vida sacerdotal na Paraíba, a expressão inesquecível de amizade.

*
* *

Ao magistério primário oficial da Paraíba e ao corpo de funcionários do Departamento de Educação do Estado, os agradecimentos pela cooperação sempre pronta e patriótica que ofereceram quando da nossa passagem a frente daquele serviço de administração pública.

A Paraíba que foi a terra que nos viu nascer e o ambiente natural do nosso trabalho sacerdotal, distribuído dois anos na Diocese de Cajaseiras e desesseis na Arquidiocese, no momento em que a Igreja nos chama para outros campos, a expressão de nossa fidelidade ao amor da terra comum com as despedidas ao seu povo e ao seu governo.

IN MEMORIAM

Na Igreja de São Pedro Gonçalves, em João Pessoa, repousam os restos mortais dos nossos pais: José Vieira Coelho e Maria Eminentina Gouvêa Coelho. Do primeiro, que não conhecemos, chegaram até nós, na tradição de família, os ecos de uma vida de homem de bem. Da segunda, fomos nós, os seus filhos, objeto de um amor insuperado e de uma dedicação heróica, através das lutas e dificuldades de um lar pobre e órfão. Hoje, através da distância do tempo, é a sua lembrança, meiga e carinhosa, a nos abençoar, que nos acompanhará para onde formos.

«Aos teus fiéis, Senhor, a vida não se extingue, muda-se».

NOTAS

- (1) Dentro, é claro, das subordinações a que o primado de jurisdição do Bispo de Roma e a sua plenitude de poder assinalam sobre a catolicidade.
- (2) São João, IV, 34; V, 23; XVII, 3-8.
- (3) São João, XX, 21.
- (4) São João XVII, 18.
- (5) São João XIII, 20.
- (6) Pio XI — Carta ao Cardial Van Roey, 15 de agosto de 1928.
- (7) São João XVII, 23.
- (8) São Inácio de Antioquia, Trall. III, I.
- (9) São Tomás de Aquino, In IV Sent. dist. 24, q. 3 a. 2 ad 3.
- (10) São Tomás de Aquino — IIa. II ae. q. 184 a. 7 ad 2.
- (11) São Mateus XXV, 30 ss.
- (12) Denzinger, Enchiridio, 10. edição — 1814, 1360, 1301, 1303, 1327, 1331.
- (13) A. Gardeil — La vraie vie chretienne.
- (14) São Paulo — I Corintios XIII, 11.
- (15) São João, I Epistola, III, 2.
- (16) São Leão, Papa, Sermão I — De nativitate Domini.